

NOTAS SOBRE AS "PROSAS PORTUGUEZAS" DE RAFAEL BLUTEAU E A HISTÓRIOGRAFIA LINGÜÍSTICA DO SÉCULO XVIII

Maria Filomena Gonçalves

RESUMO: Além do *Vocabulário Portuguez e Latino* (1710-1728), Rafael Bluteau também é autor das *Prosas Portuguezas* (1727-1728), produzidas no contexto específico do academismo literário de finais de seiscentos e princípios de setecentos. Nas *Prosas*, o fundador da lexicografia portuguesa discute temas de natureza lingüística como a renovação vocabular, os estrangeirismos e o significado de certas palavras. Caracterizadas pelo seu carácter apologético, as *Prosas* são fontes privilegiadas da historiografia lingüística do Português, ao mesmo tempo que dão importantes achegas para a lexicologia histórica do Português.

Palavras-chave: historiografia lingüística, lexicologia, lexicografia, renovação vocabular, estrangeirismos, significado.

"O discurso, como o corpo, sempre se hade vestir segundo o uso do tempo"

Rafael Bluteau, *Prosas Portuguezas*, 1728.

1. EM JEITO DE ABERTURA: RAFAEL BLUTEAU E SUA OBRA

Nascido em Londres de pais franceses, no ano de 1638, Rafael Bluteau professa na ordem dos teatinos em 1661, vindo a morrer em Lisboa a 13 de fevereiro de 1734, depois de uma longa e produtiva vida (Silva,

• Universidade de Évora, Portugal.

GONÇALVES, Maria Filomena. Notas sobre as "Prosas Portuguezas" de Rafael Bluteau e a historiografia linguística do século XVIII.

1862, p. 42-5). A sua formação havia sido feita no Colégio de La Flèche, em Paris, e no Colégio dos Jesuítas de Clermont. Começou a viajar aos seis anos de idade, quando de Inglaterra foi para França em companhia da sua mãe. Frequentou as Universidades de Verona, Roma e Paris, e chega a Portugal em 1668, granjeando também aqui a mesma reputação de notável pregador que trouxera de além-Pirinéus. Tentou influenciar a política de casamentos de príncipes e princesas portuguesas, tendo realizado para o efeito inúmeras viagens. Frequentou os círculos intelectuais portugueses do seu tempo e contribuiu para animar as Conferências Eruditas.

Perseguido por supostamente defender os interesses do rei francês Luís XIV, retira-se para França entre 1697 e 1704. No regresso, passa dez anos no Mosteiro de Alcobaça, onde virá a concluir o *Vocabulário*, conforme conta no Prólogo ao Leitor Mofino (Bluteau, 1712).

Afora o *Vocabulário Portuguez e Latino* (1712-1728), em 10 volumes in-fólio (o Suplemento reparte-se pelos 2 últimos), deixou-nos também umas *Prosas Portuguezas* (1727-1728), resultantes justamente das intervenções do Autor nas "Conferências Discretas e Eruditas", realizadas em casa de D. Francisco Xavier de Meneses, o célebre 4º Conde da Ericeira. Pensa-se que o teatino terá dado a conhecer a *Art Poétique* de Boileau à elite que frequentava as referidas sessões (Cidade, 1984, p. 39), contribuindo para agitar o marasmo do "Portugal gongórico" (Cidade, 1984), expressão que traduz a *forma mentis* em que à ciência experimental e à filosofia moderna era preferida a glosa de temas tão fúteis quanto as metáforas em que eram embrulhados. Bluteau também publicou umas *Primicias Evangelicas, ou sermões panegyricos* (1676).

1.1 As *Prosas Portuguezas* e os alvares do Iluminismo em Portugal

A obra de Bluteau é imprescindível para se compreender a mentalidade que preside aos alvares do Iluminismo (Cidade, 1984)

Filol. lingüíst. port., n. 5, p. 7-25, 2002.

em Portugal. Enformados ainda por um estilo e uma retórica barrocas, o *Vocabulário* e as *Prosas Portuguezas* representam bem a transição ideológica em curso, visto essas obras constituírem um repositório dos principais temas literários, linguísticos e científicos desse período. Aqui não se tratará propriamente do conjunto das *Prosas Portuguezas* (Parte I e Parte II), pois o seu interesse extravasa em muito o âmbito linguístico. De entre matérias tão diversas como a Filosofia, a Física, a Medicina, a Matemática, a Astronomia, a Língua Portuguesa, etc., reveladoras de um espírito enciclopédico *avant la lettre*, aqui apenas se atentará nas *Decisoens Academicas* relativas a assuntos de natureza linguística.

O contexto político e social em que são realizadas as Conferências Académicas ou Eruditas (Júnior, 1978) é marcado pelo regime absolutista de D. João V, cujo governo se caracterizou pela exploração das minas brasileiras, pelas obras de fausto e pelo mecenato, confundido este com "paternalismo real de uma classe intelectual" (Marquilhas, 2001, p. 112). A partir de certa altura, o próprio Bluteau beneficiou-se da protecção régia, vindo o *Vocabulário* a ser impresso às custas da fazenda pública por ordem do rei mecenas, assim como as restantes obras do Autor. No plano cultural e artístico, é de destacar, por um lado, a criação da Academia Real da História Portuguesa, em 1720, cujos membros sairão em boa parte das Conferências celebradas em casa dos Ericeiras, tendo o próprio Bluteau sido chamado a integrá-la, e, por outro lado, o esplendor atingido pelo barroco, que na talha dourada teve um elemento decorativo privilegiado, apenas possível devido ao auge da extracção de ouro.

Vale a pena atentar no funcionamento das referidas Conferências, por forma a perceber-se como nelas se procura fazer um corte com a mentalidade Escolástica e gongórica. Graças às *Prosas Portuguezas* sabe-se como decorriam as sessões em Casa dos Ericeiras, qual a sua periodicidade e qual o método de discussão e votação dos assuntos tratados:

"(...) assentaraõ juntarse aos Domingos em a Livraria do conde da Ericeira, a quem elegeraõ Secretario, e conferirem em materias scientificas redu-

zidas a fôrma Acadêmica, e tratadas em Discursos, e dissertações na exposição critica dos melhores Authores, em questoens Filosoficas, e problemas Mathematicos, em metros a varios assumptos, e sobre tudo em palavras da lingua Portugueza, ou já introduzidas com significação propria, ou já antiquadas, ou ainda não admittidas. Examinaraõse os mais estimados Escritores da lingua, a necessidade que havia de algumas vozes estranhas, para os que faltavaõ nomes proprios, e sobre tudo o uso, que he o melhor arbitro, a etymologia, a analogia; a pronuncia, a Orthografia, e Grammatica (...). Daõse em huma Conferencia, para resolverse em outra; votase sem preferencia, e cada hum defende a sua razaõ, e se assenta pelo mayor numero de votos, que regula o Secretario" (Bluteau, 1728, p. 1-2).

Nas *Prosas Academicas*, Bluteau refere ainda as datas em que ocorreram algumas das conferências (da segunda à sexta): 19 de Fevereiro, 26 de fevereiro, 4 de março, 11 de março, 18 de março de 1696 (Bluteau, 1728, p. 16-21). Da sétima até à décima segunda, a última referida nas *Prosas*, já não há indicação da data, mas apenas dos assuntos tratados. Segundo relato do teatino, entre os participantes mais activos contavam-se Manuel Teles, Marquês de Alegrete, D. Francisco de Sousa, capitão da Guarda, José de Faria, diplomata e estadista, Luís do Couto Félix, guarda-mor da Torre do Tombo, Manuel Gomes da Palma, magistrado, Inácio da Silva, conde de Cocolim (Bluteau, 1728, p. 20).

Bluteau refere ainda que as sessões foram interrompidas devido à guerra, até 1717, data em que voltou a florescer a Academia dos Generosos (Ferreira, 1984, p. 31-8), então no solar da Anunciada, de novo com o Conde de Ericeira como Secretário. As sessões passaram a realizar-se à quinta-feira, sendo lidas e postas à discussão duas "orações" sobre determinadas matérias.

2. AS PROSAS E A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA DE SETECENTOS

Com as matérias apresentadas e discutidas no âmbito das Conferências Académicas ou Eruditas, publicadas depois nas *Prosas Portuguezas*, procurava-se actualizar os conhecimentos e romper com

a futilidade dos temas barrocos, num claro prenúncio do espírito neoclássico (Rebelo, 1978, p. 708-10), como se depreende das palavras críticas de Bluteau:

"Com grande fructo, e gosto dos Academicos, e seus ouvintes, hia crescendo a curiosidade destas eruditas Conferencias, porque nem a boca de Cloris, nem os dentes da bella Laura, nem os olhos de Phyllis, nem outros ociosos, e effeminados assumptos roubavaõ com queixas a sabedoria das atencões, louvavelmente consagradas a discursos Moraes, e Politicos, a noticias Filosoficas, a advertencias, e questoens, concernentes à pureza da nossa lingua" (Bluteau, 1728, p. 20).

Ao encerrar as *Prosas Academicas*, volta a caricaturar as frivolidades em que perdiam tempo os autores daquele tempo:-

"Não he lastima, e desgraça grande, ver entendimentos taõ elevados, desvelados em representar o infortunio de huma Dama, que tendo bons olhos, não tinha nem hum dente, e encarecer o mau gosto de hum moço, namorado de huma Dama, por ser calva? Destes, e outros frivolos assumptos estaõ cheas as obras dos nossos Academicos, e como muitos delles tem a imaginaçãõ depravada com estas, e outras semelhantes idéas, a solidas, e proveitosas proposições fechaõ os ouvidos, porque pouco fruto fez a indagaçãõ das palavras, que com mais popriedade, e elegancia podião ornar no idioma Portuguez o discurso" (Bluteau, 1728, p. 27).

De 1668, ano da chegada de Bluteau a Portugal, até 1734, data da sua morte, a reflexão linguística privilegiava a definição da norma e a normalização dos usos, a codificação gráfica, a validação dos usos dos autores, e a apologia do vernáculo, assuntos que no seu conjunto enformava um discurso apologético da língua portuguesa. Mas a questão da normalização, nos vários aspectos que ela assumia, sobre ser indício de uma consciência normativa, adquire um valor acrescido numa época de variação linguística, como pode depreender-se dos casos de variação lexical, e não só, tratados por Bluteau nas *Prosas*.

Por outro lado, é de realçar que a produção metalinguística do referido período era sobretudo latino-portuguesa, situação que só começa a alterar-se a meados do século XVIII, quando o número

de publicação em português e sobre o português regista um incremento cujo corolário é a publicação, em 1789, do Dicionário de Moraes Silva, o primeiro dicionário monolíngue (Verdelho, 1994). Com efeito, ao percorrer-se a galeria dos textos em português verifica-se não só que o seu número é relativamente reduzido mas também que eles respondem às problemáticas acima mencionadas. Em Seiscentos são dadas à estampa várias obras que constituíram o horizonte de retrospecção de Bluteau em matérias de natureza linguística. Dos seiscentistas conhecidos e referidos por Bluteau citam-se por exemplo Álvaro Ferreira de Vera, Manuel Severim de Faria (1583-1655), Bento Pereira (1606-1681), João Franco Barreto (1600-1674?) e Frei Tomás Luz (1633-1713).

Entre as obras estampadas no primeiro quartel de Setecentos, conhecidas certamente de Bluteau, referem-se, por ordem cronológica, apenas as seguintes:

- 1709 – António Franco, *Promptuario da Syntaxe*. Dividido em duas Partes, 3. ed., Lisboa, Valentim Deslandes.
- 1710 – António de Melo da Fonseca, *Antídoto da Lingua Portugueza*, Amsterdão, em Casa de Miguel Diaz.
- 1716 – *Indiculus universal, contem distinctos em suas classes os nomes de quazi todas as cousas, que há no mundo, & os nomes de todas as Artes & Sciencias... Feito Frances Latino pelo P. Fr. Pomey da Companhia de Jesus... Feito novamente Luzitano... Evora, Officina da Universidade.*
- 1725 – D. Jerónimo Contador de Argote, *Regras da Lingua Portugueza, Espelho da lingua Latina*, 2. imp., Lisboa, Na Officina da musica (a primeira é de 1721).
- 1732 – João de Moraes Madureira Feijó, *Arte Explicada*, Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues.
- 1733 – D. Luís Caetano de Lima, *Grammatica Franceza*, Lisboa, Congregação do Oratorio.
- 1734 – João de Moraes Madureira Feijó, *Orthographia, ou Arte de Escrever, e Pronunciar com acerto a Lingua Portugueza*, Lisboa.

As referências acima denotam que as preocupações estavam centradas na discussão da Gramática Latina¹ de Manuel Álvares (1526-1583), pois ali se encontram dois dos seus principais comentadores, a saber, Madureira Feijó² e o P. António Franco, bem como na ortografia e no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, género que adquirirá expansão ao longo do século. Sublinhe-se que, ao alfabetar o léxico português dando-lhe a precedência sobre uma ordenação feita a partir do léxico latino, com o *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728), sem ser ainda um dicionário monolíngue, Bluteau inaugura a lexicografia portuguesa, uma vez que os dois primeiros dicionários publicados em Portugal – o de Jerónimo Cardoso³ (1569/70) e o de Agostinho Barbosa⁴ (1611) – são dicionários latino-portugueses⁵ (Verdelho, 1994).

Embora as *Prosas Portuguezas* não sejam nem textos gramaticais nem ortográficos, o seu interesse linguístico decorre de elas constituírem um verdadeiro repositório dos temas da reflexão linguística acima referidos, aos quais se acrescentam outros como a origem das línguas e a diversidade linguística, os critérios do bom uso, a dinâmica e a mudança lexical.

Em linguagem médica, mais exactamente anatómica, bem ao jeito das metáforas barrocas, mas remetendo também para o campo da realidade física da palavra (som), começa Bluteau por definir a natureza da "palavra":

¹ *De Institutione grammatica libro tres*. Lisboa, João de Barreira. Esta gramática conheceu mais de 500 edições em todo o mundo e esteve na base de uma acesa polémica setecentista entre os detractores do método gramatical alvarístico e os seus detractores, que se multiplicaram em réplicas e tréplicas sobre o assunto.

² A sua *Orthographia* conheceu várias reimpressões até 1861. Cf. Gonçalves, 1992.

³ *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m]* (...). Conimbricæ: excusit Joan. Barrerius.

⁴ *Dictionarium Lusitanico Latinum juxta alphabeticam optimis probatisq[ue]* (...). Bracharæ, typis, & expnsis Fructuosis Lautentij de Basto.

⁵ Depois destes, aparecem os de Bento Pereira: *Prosodia in Vocabularium Trilingue Latinum, Lusitanum et Castellanicum digesta*. Evora, 1634, e *Thesouro da Lingoa Portuguesa, composto pelo Padre. B. P. Lisboa, Craesbeck*.

"a cabeça da aspera arteria, o ar do corpo, a língua por mãy, e a boca por berço, mas com instantaneo descanso, que apenas nascida, voa, e com taõ breve vida, que logo nos ouvidos dos circundantes se sepulta. Porém não acaba a palavra, quando morre, porque ainda que metida na tortuosa sepultura do ouvido, com o osso petroso por campã, e com varias membranas por mortalhas, e quasi perdida nos occultos meatos da parte, que os anatomicos chamaõ Labyrintho, alentada com o impulso, e commoção do ar implantado, acha a palavra abertas as valvulas, ou pequenas portas, por onde passã as especies do som, para o nervo auditório, e delle para os ventriculos do cérebro, onde estaõ depositados os thesouros da memoria (...)" (Bluteau, 1728, p. 3).

Um dos *tópoi* da reflexão metalinguística mais recorrente entre os finais de Seiscentos e os inícios de Setecentos é a explicação da diversidade linguística, fundada, segundo Bluteau, em argumentos de ordem mitológica ou naturalista. Assim, para explicar a existência de línguas distintas recorre ao habitual mito bíblico da Torre de Babel:

"Da criação do Mundo até aos temerarios, e mal logrados principios da famosa Torre de Babel, pelo espaço de mais de mil e setecentos annos correrã as palavras todas irmãs, e filhas da primeira, e única lingua do mundo, com tanta uniformidade, e confiança, que nunca entre ellas houve outra differença, que a que era precisa para a harmonia do discurso. Em todos os climas se dava ao sol, à Lua, e às Estrellas o mesmo nome; em todas as terras o Leão era chamado *Arieh*; a Aguia, *Nesra*; o Cavallo, *Chamor*; o Cordeiro, *Challas*; a Ovelha, *Tson*; o Caõ, *Celeb*; o Veado, *Ajal*; o Corvo, *Oreb*; a Abelha, *Deborã*; a Formiga, *Nemala*; a Serpente, *Sephiphon*; e o Abestrús (já que hoje se há de fazer menção delle) era chamado *Tachmas*. Estes, e todos os mais nomes daquelle tempo, eraõ palavras da lingua santa, que naquelles primeiros seculos reynavaõ no Mundo; quando finalmente com o castigo da confusão das linguas na Torre de Babylonia, entrou a desconfiança nos homens, e nas palavras (...). começaraõ a desconfiar as palavras, e apartadas em ranchos, formaraõ as setentas e duas linguas matrizes, que successivamente multiplicadas em outras muitas com infinitos idiomas, e dialectos, em todos os Reynos, e Provincias da terra se propagaraõ com taõ incomprehensivel variedade, que de aprender a menor parte dellas, justamente pôde desconfiar a mais felice memoria do Mundo" (Bluteau, 1728, p. 7).

As diferenças entre as línguas resultantes da "babelização" são por sua vez atribuídas a factores externos, como o clima.

Vejam-se os seguintes exemplos desses dois tópicos.

1. O clima factor diferenciador: "O direito das palavras nativas para conservação, e confirmação da posse, em que estaõ, tem nos principios da natureza o seu fundamento; porque assim como ha metaes, hervas e arvores, que naturalmente se saõ em certos Climas, e partes da terra; assim há palavras taõ peculiares, e proprias de cada nação em particular, que parecem effeitos das influencias do Astro, que a domina, ou articuladas indicações do seu natural temperamento" (Bluteau, 1728, p. 8).
2. A distinção entre línguas meridionais e línguas setentrionais: "O que se pôde certamente afirmar, he, que com secreta sympathya, e consenso da natureza, as palavras se conformaõ com o genio, e temperamento das nações; e assim vemos, que nos Povos Meridionaes, como arabes, Egyptios, e outros, em razaõ do calor, que he causa da dilataçã, as palavras saõ mais extensas, e nos Povos Septentrionaes, como os de huma, e outra Germania, o frio, que tudo comprime, e condensa, he causa dos monosyllabos, e outras palavras breves, e succintas, em que muitas consoantes suffocaõ poucas vogaes, impossibilitando a pronuncia forte, que só quem com ellas nasceo, pôde com ellas. Outra differença com harmonica pproporção se observa nas linguas das nações intermedias, mais, ou menos distantes da parte Austral, ou Septentrional do Mundo, como tambem nas terras, que do Oriente correm ao Occidente, onde pela diferente constituição dos ares e outras causas naturaes, huma lingua he mais, ou menos aspera, ou branda; expedita, ou suspensa; singela, ou metaforica; labial, ou guttural; familiar, ou magestosa, que outra; e sendo o clima desta Corte taõ singularmente privilegiado da natureza, naõ há duvida, que qualquer curiosidade, ajudada com o perspicacissimo engenho da nação, daria às palavras tanta propriedade, tanta efficacia, e tanta graça; que chegaria a lingua Portugueza a ser throno da eloquencia" (Bluteau, 1728, p. 8-9).

A apologia da língua portuguesa preside às *Prosas*, sendo que todos os assuntos linguísticos nelas tratados concorrem para a revalidação crítica da língua e dos seus modelos, como se conclui das palavras com que Bluteau abre o relato das "Decisoens Academicas": "Como a lingua Portugueza não cede na elegancia a alguma das viventes, pareceu aos scientes de Lisboa, que como propria e eloquente, era digna do seu estudo, e capaz da sua applicaçõ" (Bluteau, 1728, p. 1).

3. LEXICOLOGIA HISTÓRICA

Nas *Prosas Portuguezas* relativas ao léxico Bluteau apresenta as "súplicas" de três de tipos de palavras: os arcaísmos (*suplicantes aggravadas*), as vernáculos (*supplicantes desconfiadas*) e os estrangeirismos (*supplicantes pretendentes*). Discorre o Autor, por um lado, sobre a necessidade de serem conhecidas as palavras antigas da língua e as suas correspondentes modernas, e, por outro lado, sobre as vantagens de serem conservadas palavras vernáculos em uso e de se naturalizarem outras, sobretudo de origem francesa, já nacionalizadas ou em fase de naturalização, pelo menos com determinados usos ou sentidos específicos.

Ao fim e ao cabo, o que está em discussão aqui é a mudança lexical, em que a renovação ocorre ou por via da mudança interna ou pelo recurso a adopções externas. Nas *Prosas Portuguezas* o Autor lança as bases de uma discussão que, sem ser absolutamente nova, porque já a encontramos por exemplo na *Origem da Lingua Portugueza* (1606), de Duarte de Nunes de Leão, irá conhecer uma progressiva extensão ao longo de Setecentos, à medida que a influência francesa se torna mais evidente, suscitando uma polémica entre os intelectuais de finais desse século e do primeiro quartel do seguinte.

Definidas como as "palavras antigas ou antiquadas, que vendo o desprezo, com que quasi todos as trataõ, pedem que se lhes tenha o respeito, e veneraçã, cujo conhecimento deveria ser divul-

gado, contam-se as seguintes (Pinto, 1988): *bafordar* (i.e. tirar lanço por alto), *hoste* (i.e. arraial), *bacinete* (i.e. casco de ferro), *cota* (i.e. veste de armas), *lidar* (i.e. pelejar), *az* (i.e. batalha), *trons* (i.e. bombardas). A estas, acrescentam-se ainda outras como *talante* (i.e. vontade), *trigança* (i.e. pressa), *condesilho* (i.e. depósito), *abilhamento* (i.e. atavio), *arefece* (i.e. homem baixo), *gouvir* (i.e. gozar), *guarnecedor de espadas* (i.e. alfageme).

Pese embora a ausência de uso pelos autores modernos, de acordo com a consciência diacrónica de Bluteau, tais arcaísmos devem ser valorizados porquanto fazem parte da memória linguística do português, a título de "primogénitas", e integram o mesmo património em que se incluem as construções antigas:

"Tem as palavras antiquadas acabado o seu requerimento, voluntariamente excluidas do uso, mas amplamente satisfeitas da veneraçã, e nisto semelhantes ás pedras dos antigos edificios Romanos (...)" (Bluteau, 1728, p. 7).

As "supplicantes desconfiadas" são as palavras "usadas, e nativas, que injustamente atropelladas da multidaõ de outras novas, e modernas, pedem que as mantenhaõ, e conservem na posse em que estaõ" (Bluteau, 1728, p. 4). Bluteau faz aqui a defesa das palavras vernáculos que se "devem preferir a todas, como toadas do genio, e naturaes argumentos do temperamento", de que exemplo são "saudade" e "mágoa", a cuja excelência acresce o facto de "serem mais usadas, e por consequencia melhores" (Bluteau, 1728, p. 9). Enaltecia o Autor a vernaculidade como um valor ameaçado pela concorrência dos empréstimos, não raro desnecessários e artificiais, como se conclui das suas palavras:

"No campo da eloquencia natural, como nos campos da terra semeados, o primeiro fruto que nasce, he o proprio, e verdadeiro fruto: tudo o mais, que sobre o semeado se lança, he zizania ". (...) "Isto mesmo hoje se experimenta na lingua Portugueza, onde sobre a sementeira das palavras proprias, e nativas, semeou a indouta curiosidade da locuçãõ tanta zizania de vocabulos, parvoamente atilocos, e barbaramente pomposos, que já se vem quasi affogadas as searas da propria, e natural eloquencia".

E remata Bluteau:

"(...) este pernicioso progresso de novos vocabulos improprios, ou desnecessarios, pede opportuno e prompto remedio, porque os nomes facilmente se mudaõ, e mudados logo se perdem, e naõ só pelos Santos novos, mas tambem pelos nomes novos esquecem os velhos."

Nas palavras "pertendentes" detém-se Bluteau mais extensamente, porque importa discutir a adopção de palavras oriundas de outras línguas à luz da indigência, a elegância e a decência, as três razões que, segundo o Autor, podem caucionar a naturalização de tais palavras.

De acordo com a indigência, não existe qualquer lei que impeça uma língua de se apropriar de palavras de outra ou de outras. Essa adopção revela-se útil em particular no campo da terminologia técnica, domínio em que a falta de termos precisos e uniformes leva ao uso de definições sob a forma de perífrases desnecessárias, pouco rigorosas e ainda menos económicas. Em nome da elegância, podem igualmente ser adoptados termos estrangeiros, de molde a engrossarem o cabedal expressivo e referencial da língua. Para Bluteau, a integração de palavras "peregrinas", vale dizer, dos estrangeirismos, é avaliada positivamente, dado assim ficarem preenchidas as lacunas do sistema léxico; ditado pela estrita necessidade, não pelos "modismos", esse processo, sendo natural, deve ser racional. A decência, ou seja, o "decoro da expressão" determina, por sua vez, a inclusão de palavras estrangeiras, sempre que as nativas não correspondam a esse princípio.

Que este assunto já assumia contornos preocupantes nos inícios de Setecentos, pelo menos assim era visto por Bluteau à luz da sua reflexão sobre a norma linguística e os usos circulantes, é o que se nota nas *Prosas Portuguezas*, em particular quando o autor procura fixar o "genuíno significado" de certas palavras e resolver dúvidas suscitadas pela variação. À questão da dinâmica e da renovação lexical por via da importação de palavras de outras línguas, juntam-se então aspectos de ordem semântica, relativos ao significado

primordial e aos sentidos de alguns vocábulos, regra geral de origem francesa, e aspectos de natureza terminológica, para os quais Bluteau também procurava elucidação. A avaliar pela referência ao processo de naturalização de palavras de várias procedências – goda, árabe, francesa, inglesa etc. –, o teatino tinha plena consciência do carácter "pancrónico" e "universal" do fenómeno, pelo que o português não seria excepção.

Com efeito, os temas recorrentes ao longo das doze conferências descritas por Bluteau coincidem com os grandes tópicos da reflexão na transição de Seiscentos para Setecentos. Entre os casos discutidos, os seguintes ilustram bem as principais problemáticas.

3.1 Palavras de origem francesa ou veiculadas pelo francês

1. *Amnistia* (bras. anístia), sendo de referir que ainda não se usava o verbo *amnistiar* (bras. anístiar); o significado fixado é "esquecimento", seguindo-se o uso de franceses e de ingleses, inclusive por ser económico ("...assentouse que podia usarse em termos de Historia, e Política na sua propria significação, porque as tinhamos, a explicavaõ por frase; e que o verbo naõ era preciso, porque muitos nomes havia sem verbos...");
2. *Projecto* era equivalente de "Desenho", "Modello", "Delineação". Foi admitida em nome do uso;
3. *Destacar* e *destacamento*. "He palavra Franceza, Destachement, e Destacher significa separar algum corpo de hum Exercito para reforçar outro, para hum ataque, ou outra funcão". Em alternativa foram propostos "troço" e "partida", que não foram adoptados; foi admitida;
4. *Recruta*. "He Franceza, Recue, usada por Hespanhoes (...), significa as levas que se fazem para reencher as companhias, a quem faltaõ soldados por mortos, ou por fugidos (...)". Foi admitida;

5. *Animosidade*; em Francez significa Rencor, e na media Latinidade *Valor*; em Portuguez se usava em lugar de Inso-lencia; pareceo que não devia admittirse nas primerras sig-nificaçoens, e usarse pouco na Segunda";
6. *Bloqueo, e Bloquear*, "saõ Palavras Francezas, e usadas na lingua Castelhana; na Portugueza tambem pelo Padre Anto-nio Vieira (...) significa tomar os postos distantes de huma praça, que se há de sitiar, para tirarlhe socorros. Assentouse, que se admitisse, porque Assedio he mais operaçãõ que Bloqueo, porque do Bloqueo se passa ao Assedio";
7. *Anarchia*, "Estado sem cabeça. He palavra Grega, e se usa em Francez, e em outras Linguas, e em Portuguez". Foi admitida, pela relação com *Aristocracia, Oligarchia e Democracia*;
8. *Paragonar*; "palavra Italiana, que significa Comparar, usada dos Francezes antigos, e dos Castelhanos modernos". Con-siderou-se ser desnecessária;
9. *Chuminè, ou Chaminè, ou Cheminè*. "Uns queriam cheminè, por vir dos Francezes (...). ainda hoje a linguagem popular acolhe a primeira forma. Admitiu-se chaminé por referên-cia ao étimo Latino *Caminus*."

3.2 Discurso paralexigráfico

Ao proporem definições em que são feitas descrições dos re-ferentes ou estabelecidas destrinças de ordem semântica, as *Prosas Portuguezas* revestem-se, por outro lado, de um carácter verdadei-ramente paralexigráfico, visto apresentarem um discurso seme-lhante ao dos dicionários, como se vê no exemplo a seguir, que bem poderia figurar num vocabulário: "He Ema de diferente especie, com pennas crespas, e pardas; também differe do Abestruz, nos pés, no tamanho, e em outros muitos particulares" (Bluteau, 1728, p. 17). O mesmo registo paralexigráfico assiste à distinção entre *crocodilo* e *jacaré* (9ª conferência).

Algo de semelhante se verifica quanto à elucidação semântica de *flôrido* (i.e. *o que tem flores, e se accomoda ao estylo que tem muitas de Rhetorica*), *florido* (i.e. *o que tem flores, accomodase à idade, e à ferosura*), *florente* (o que florece, em Latim *Florens*), *florescente* (o que produz flores) e *florescido* (i.e. *he o que já floreceo*).

Na Sétima Conferência Erudita foi discutida a conveniência do uso de *mencionados*, para dizer "aquelles, de que já se fez menção" (Bluteau, 1728, p. 19), expressão que ao tempo já seria frequente entre os bons autores (o Conde de Ericeira por exemplo); aceitou-se, embora não fosse das "melhores vozes".

Além das palavras de origem francesa, outras foram igualmente discutidas com vista ao estabelecimento da forma ou designação mais adequada ou "correcta", o que só vem demonstrar quanto as preocupações normativas estavam na ordem do dia a finais de Seis-centos e nos inícios de Setecentos, para além de indicar que as hesitações eram suscitadas por vários usos ou variantes de uma mesma forma, cuja fixação aconteceria mais tarde ou estaria já em curso. Palavras como *armazem, arrecadar, arrepender, arrematar, alagoa, alampada, alambique* foram objecto de apreciação nas Conferências Eruditas, por admitirem variação no seu uso. Assim, entre as formas *armazem* e *almazem*, os académicos não chegaram a tomar decisão, pois os votos ficaram divididos, havendo quem aceitasse a primeira e quem preferisse a segunda; entre *arrecadar* e *recadar*, e semelhan-tes, decidiu-se que apenas em caso de equívoco se adoptaria a se-gunda forma; entre *alagoa* e *lagoa, alampada* e *lampada, alambique* e *lambique*, optou-se pelas segundas. Exemplos como estes denun-ciam o problema da variação e da "demanda de uniformidade" (Tavares, 2001, p. 115), numa época em que a variedade da Estre-madura já tinha sido identificada como referência, vale dizer, como língua padrão. Com efeito, em 1725, D. Jerónimo Contador de Argote (1676-1749), na 2ª edição das *Regras da Lingua Portuguesa, Espelho da Latina*, num capítulo dedicado aos dialectos, já tomava a fala culta daquela região, sede da corte, como modelo linguístico. Dé-cadas mais tarde, a própria Real Mesa Censória não foi indiferente

ao problema da falta de uniformidade do uso gráfico, o que só demonstra quanto a questão ortográfica era uma questão sensível, assumindo não raro uma dimensão política e ideológica no período setecentista (Tavares, 2001, p. 125).

A determinação da etimologia e do "genuíno significado" de certas palavras está presente nas *Prosas Portuguezas*, quando se trata da palavra *Pirilampo* (3^a conferência), *cagalume* na linguagem popular, palavra que não foi admitida por razões de decoro;⁶ da diferença entre *aves agrestes* e *aves silvestres*, e da etimologia de *entrudo* e de *endoenças* (4^a conferência). Além do topónimo e do significado como substantivo comum, para *Colonia* foi apontado um antigo significado vernáculo do termo que "entre nós antigamente era huma fita larga, como as que se trazem nos hombros ou pescoço com a chave do Sacrario" (Bluteau, 1728, p. 24), tal como em Francês.

Bluteau não conseguiu ver discutidas outras palavras que havia proposto para esse efeito, como *Aluguel* ou *Aluguer* (retoma um caso em que não fora tomada decisão), *Allamã*, *Recudir*, *Riigo*, *Ayrones*, *Carapeva* e *Paratiz*⁷ (Bluteau, 1728, p. 26).

Por último, refira-se que entre os muitos temas tratados pelo próprio Bluteau e postos à consideração dos participantes nas Conferências Eruditas não podia faltar a ortografia, aspecto crucial do problema da norma e da normalização. De facto, além das decisões académicas relativas à ortografia, das *Prosas Portuguezas* constam ainda dois textos em que o teatino desenvolve a sua doutrina ortográfica. Trata-se da *Prosa Apologética, justificação de huma Soberana Princeza, injustamente exclua das Doutas Conferencias da Academia Real de Lisboa, recitada na sala Academica do Conde* (Bluteau, 1728, p. 170-85) e da *Prosa Grammatonomica, Portugueza, ou Regras, e leys, para o*

⁶ A designação *pirilampo* foi considerada afectada. Além desta, foram também discutidas as seguintes denominações: *fuzilete*, *vago lume* (não admitidas) e *nouteluz* e *bicho luzente* (ambos foram aceites).

⁷ Cf. A. G. Cunha, 1994, p. 581: "Parati *sm.* Peixe da família dos mugílideos, espécie de tainha 1587".

uso das letras do alfabeto Portuguez, na escritura, e na pronunçiação (Bluteau, 1728, p. 186-228). Nesta última, o autor traça uma extensa história do alfabeto (Gonçalves, 1998, p. 124-39), recorrendo a toda uma série de fontes antigas e modernas. Vale a pena atentar nelas uma vez que o recurso a abundantes autores modernos, sem exclusão dos Antigos, indicia uma clara valorização do saber actualizado, útil e aberto ao experimentalismo.

Ao longo das *Prosas Academicas*, Bluteau socorre-se da autoridade e do exemplo de vários autores, embora os modernos mereçam mais referências do que os Antigos. Assim, entre estes últimos contam-se Heródoto, Ovídio, Aulo Gélío, Quintiliano, Horácio, por exemplo. Daqueles, refiram-se os seguintes: os castelhanos Covarrubias (*Vocabulario*), Bernardo de Aldrete (*Orígenes*) e o Pe. Pedro de Salas (*Tesoro de las dos lenguas Hespañola y Franceza*); os franceses César Oudin (*Tesoro hispano-latino*), Charles Du Fresne (*Glossarium mediae & infimae Latinitatis*); os portugueses João de Barros, Duarte Nunes de Leão, José Lourenço (*Amalthea Onomastica* i. e. *Amalthea, sive Hortus Onomasticus*, 1673), Damião de Góis, Pe. António Vieira e o Conde de Ericeira, para só referir alguns.

4. EM JEITO DE CONCLUSÃO

Dos vários *topói* metalinguísticos incluídos nas *Prosas Portuguezas* de Rafael Bluteau sobressai, pela extensão, o tratamento dado à dinâmica e à mudança lexical, aspecto importante do problema da norma linguística, juntamente com a codificação gráfica do português. Quando comparadas com outras obras metalinguísticas da mesma época, as *Prosas* valem não tanto pela originalidade dos temas mas sobretudo pelo fôlego expositivo e problematizante dos assuntos, pese embora a retórica barroca colocada ao serviço da argumentação. Se é certo que não pode considerar-se Bluteau um iluminado, nem sequer, em rigor, um precursor do Iluminismo, não é menos verdade que a crítica à Escolástica, com todos os seus

pressupostos filosóficos e pedagógicos, e a caricatura da estética barroca vigente ao tempo, bem como o interesse pelas novidades filosóficas e científicas, muitas delas acolhidas já no seu *Vocabulário*, prenunciam as mudanças que ainda se faziam esperar. No plano metalinguístico, é de notar que algumas das preocupações de Bluteau – a língua padrão, a norma e a normalização dos usos, os estrangeirismos, a defesa do léxico vernáculo, o rigor terminológico, por exemplo – estarão presentes, décadas mais tarde, nas *Reflexões sobre a Língua Portuguesa* (1773), de Francisco José Freire, um dos maiores expoentes do espírito neoclássico.

Em fim, importa sublinhar que entre os estudos publicados nos últimos anos no domínio da historiografia linguística do português, em particular nos relativos ao século XVIII, raras são as referências às *Prosas Portuguezas*, devido possivelmente ao facto de não terem o formato canónico da gramática; todavia, elas revestem-se de grande valor linguístico e historiográfico, como aqui terá ficado demonstrado, além de darem testemunho da cultura de uma época de transição entre as *formae mentis* barrocas, ou mesmo gongóricas, e o racionalismo iluminado.

BIBLIOGRAFIA

- BLUTEAU, R. (1712-1728) *Vocabulário Portuguez, e Latino*, 10 vols. Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus.
- _____. (1728) Decisões Académicas. Oratório requerimento de Palavras Portuguezas, Aggravadas, Desconfiadas, e Pertendentes, Presentado no Tribunal das Letras, erigido no anno de 1696. Na Biblioteca do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, com título de Conferências Eruditas, pelo Padre D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular. In *Prosas Portuguezas*, Parte I. Lisboa, José António da Silva.
- _____. (1728) Vocabulões Portuguezes, cujo genuino significado ficou assentado em varias Conferências. In *Prosas Portuguezas*, Parte I. Lisboa, José António da Silva.
- _____. (1727-1728) *Prosas Portuguezas, recitadas em diferentes Congressos Academicos, pelo Padre D. Rafael Bluteau*, Clerigo Regular, Doutor na Sagrada Theologia, Prégador da Rainha da Grãa Bretanha Henriqueta Maria de França, Qualificador do Santo Officio no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa, e Academico da Academia Real. Partes I e II. Lisboa, José António da Silva.

- CIDADE, H. (1984) *Lições de cultura e literaturas portuguesas*, 7. ed., 2. vol. (Da reacção contra o formalismo seiscentista ao advento do romantismo). Coimbra, Coimbra Editora.
- CUNHA, A. G. (1994) *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, 2. ed. Revista e acresc., 6. impr. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FERREIRA, J. P. (1982) *As Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa, Biblioteca Nacional.
- GONÇALVES, M. F. (1992) *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII. Para uma história da ortografia portuguesa*. Lisboa, ICALP.
- _____. (1998) *As ideias ortográficas em Portugal: da etimologia à reforma*. Tese de Doutoramento, 2. vol. Universidade de Évora, p. 124-39.
- _____. (2001) O "Prólogo" e o "Catálogo de Autores" do *Vocabulário Portuguez e Latino*: as ideias linguísticas de Bluteau no contexto da historiografia da língua portuguesa. In *Actas do II EDiP* (Encontro de Estudos Diacrónicos do Português), UNESP/Araraquara, 29 a 31 de Agosto de 2001 (no prelo).
- JÚNIOR, F. S. (1978) Conferências eruditas (ou conferências discretas e eruditas). In COELHO, J. P. (org.) *Dicionário de Literatura*, vol. 1. Porto, Figueirinhas, p. 195-196.
- MARQUILHAS, R. (2001) Em torno do *Vocabulário* de Bluteau. O reformismo e o prestígio da norma no século XVIII. In MATEUS (coord.) *Caminhos do Português* (catálogo). Lisboa; Biblioteca Nacional, p. 105-18.
- PINTO, R. M. (1988) *História da Língua Portuguesa*. IV. Século XVIII. São Paulo, Ática.
- REBELO, L. S. (1978) Neoclassicismo. In COELHO, J. P. (org.) *Dicionário de Literatura*, vol. 3. Porto, Figueirinhas, p. 708-10.
- SILVA, I. F. da (1862) *Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. 7º. Lisboa, Imprensa Nacional.
- TAVARES, R. (2001) A Real Mesa Censória e a demanda da uniformidade. In MATEUS (coord.) *Caminhos do Português* (catálogo). Lisboa, Biblioteca Nacional, p. 119-25.
- VERDELHO, T. (1994) Portugiesisch: Lexikographie/Lexicografia. In HÖLTJUS & METZELTIN (ed.), *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. 6/2. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, p. 673-92.

ABSTRACT: Besides the "Vocabulário Portuguez e Latino" (1712-1728), Rafael Bluteau is also author of the "Prosas Portuguezas" (1727-1728), originated in the specific context of the literary academism of late 17th century and the early 18th century. In the "Prosas", the father of the Portuguese lexicography debates subjects of linguistic nature such as the lexical renewal, the foreign word and the meaning of certain words. Characterized by their eulogistic nature, the "Prosas" are both privileged sources of the linguistic historiography of Portuguese and important additions to the historic lexicology of the Portuguese Language.

Keywords: linguistic historiography, lexicology, lexicography, lexical renewal, foreign words, meaning.